

NOTAS SOBRE A TRAJETÓRIA INTELLECTUAL E POLÍTICA DE KARL KORSCH.

Pedro Leão da Costa Neto - UTP.

I

Karl Korsch¹ nasceu em 1886 em Tostedt, próximo a Hamburgo em uma família de classe média; estudou Direito, Economia e Filosofia em Munique, Berlim, Genebra e Jena, onde em 1911, se doutorou em Direito. Durante o período de estudante participou da organização estudantil Freie Studentschaft, na qual conheceu Hedda Gagliardi, sua futura esposa. Entre 1912-1914 morou na Inglaterra, trabalhando com o Professor de Direito Ernest Shuster, na tradução de seu livro sobre Direito Civil e Processual Inglês. Neste período, entrou em contacto com a Fabian Society. Após retornar a Alemanha em 1914, foi incorporado no Exército e participou da I Guerra Mundial como oficial, em razão de suas posições contra a guerra foi degradado, e posteriormente promovido. Enquanto a carnificina da I Guerra Mundial significou a ruína de todo um mundo, a Revolução Russa indicou uma alternativa concreta para a intelectualidade alemã radicalizada. Em 1919, entrou no Partido Socialista Alemão Independente (USPD)², neste mesmo ano publicou a brochura: *O Que é a Socialização?*, como primeiro volume da coleção *Sozialpolitische Schriftenreihe*³ dirigida por ele. Em 1920, após cisão do USPD entrou no Partido Comunista Alemão Unificado (VKPD). Deputado comunista eleito para a Dieta de Turingia, entre outubro e novembro de 1923 tornou-se Ministro da Justiça, durante a curta experiência do governo operário deste mesmo Länder. Neste mesmo ano foi nomeado Professor de Direito na Universidade de Jena. Participou juntamente com Lukács e outros intelectuais marxistas, da célebre *Erste Marxistische Arbeitswoche*, organizada em Ilmenau, por Felix Weil. Igualmente neste mesmo ano, publicou o importante livro *Marxismo e Filosofia* - um dos escritos constitutivos do assim chamado Marxismo Ocidental -, fortemente crítico ao marxismo da II Internacional. Em 1924 como delegado ao V Congresso da Internacional Comunista. Neste Congresso o seu livro, ao lado de *História e Consciência de Classe* de Lukács e do italiano Antonio Gramsci, foram objeto de uma contundente crítica por parte de Zinoviev. Neste período

estabeleceu contactos com Amadeo Bordiga e com grupos de oposição na União Soviética, em particular com Sapronov. Entre 1924 e 1928 foi deputado ao Reichstag. Entre meados de 1924 e fevereiro de 1925 foi redator do órgão teórico do Partido Comunista Alemão (KPD) “Die Internationale”, que utilizou para difundir a sua concepção do marxismo.⁴ Em 1926, foi expulso do KPD, a partir de então, publicou em distintos órgãos teóricos de oposição à política da I. C., inúmeros artigos críticos à social-democracia e ao leninismo, que representavam segundo Korsch, as duas versões ortodoxas do marxismo. Após 1928, não manteve vínculos orgânicos com nenhuma organização política. Nesta mesma época conheceu Bertolt Brecht, que costumava chamar Korsch de “meu professor”, com quem manteve estreitos vínculos de amizade até a morte do grande escritor em 1956. Publicou em 1929, o seu livro de crítica a Kautsky: *Concepção Materialista da História - Anti-Kautsky*. Após a subida de Hitler ao poder em 1933 emigrou primeiro para a Inglaterra, depois para a Dinamarca, onde freqüentou a casa de Brecht e encontrou-se com Walter Benjamin. É igualmente importante, destacar o diálogo que estabeleceu na década de 1930, com os anarquistas espanhóis. Em 1936 transferiu-se definitivamente para os Estados Unidos. Em 1938 publicou na Inglaterra o seu importante livro *Karl Marx*. Neste mesmo período se ocupou de diferentes questões teóricas sobre Lógica e Filosofia das Ciências. No exílio norte-americano colaborou com diferentes revistas marxistas, entre as quais, cabe destacar as dirigidas pelo Comunista de Conselho, Paul Mattick – *International Council Correspondence*, *Living Marxism* e *New Essays*-; recebeu igualmente uma ajuda do Instituto de Pesquisa Social, então em Nova Iorque, de 100 dolares. Em 1950, proferiu uma série de conferências na Suíça e na Alemanha, aonde enunciou sob a forma de teses a sua interpretação sob o lugar do marxismo na luta de classes. Em consequência de uma doença que atacou as células do cérebro foi internado em 1957 e morreu em Cambridge, Massachusetts no ano de 1961.

A partir da segunda metade dos anos 1960 e ao longo da década de 70, como resultado das transformações ocorridas no interior marxismo e do movimento revolucionário

internacional após as revelações de Kruschov frente ao XX Congresso, e da constituição de diferentes grupos teóricos de extrema esquerda, a obra de Korsch foi redescoberta, passando a ser objeto de grande interesse teórico.⁵

A reconstrução bibliográfica da vida de Korsch, nos pareceu significativamente importante, pois nos permitiu individualizar dois importantes momentos de sua trajetória política e intelectual. A primeira refere-se a sua formação política e teórica e a segunda o seu isolamento político após a ruptura com o KPD.

II

A formação intelectual de Korsch está marcada por alguns traços característicos e distintivos⁶, formado em Direito em Jena e tendo nesta disciplina, o seu principal foco de atenção, durante a década de 1910 contribuiu periodicamente para a revista *Die Tat* publicada por Eugen Diederichs, Korsch participou igualmente do “Círculo Sera” organizado em torno do mesmo Diederichs⁷. A sua formação filosófica se desenvolveu, antes de tudo, pela influência das leituras de Kant e de Wilhelm Dilthey. O seu contacto com a filosofia de Hegel só ocorreu tardiamente, por volta de 1922, quando redigiu o seu escrito *Kernpunkte der materialistischen Geschichtsauffassung*⁸.

É igualmente importante destacar, a sua participação na Fabian Society, durante sua estadia na Inglaterra; em 1912, redigiu para a revista *Die Tat*, um artigo intitulado *Socialismo Fabiano*. Esta sua experiência deixou traços em sua trajetória posterior, podemos identificar sua influência, por exemplo, na utilização do conceito “democracia industrial”, que é o título de uma obra redigida pelo casal Sidney e Beatrice Webb - destacados dirigentes fabianos -, no caráter antimetafísico da concepção de socialismo de Korsch e por fim lembrar que Korsch foi o organizador em 1919, da edição alemã, de um escrito de outro importante fabiano, George Bernard Shaw. Stephen Eric Bronner observa sobre a influência dos socialistas fabianos sobre Korsch:

Embora cético quanto à política burocrática e reformista da Sociedade, foi influenciado por sua concepção antimetafísica e “prática” do socialismo. Os

fabianos também rejeitavam o determinismo fatalista do marxismo ortodoxo e, dado seu encontro anterior com o idealismo alemão, tinha sentido que Korsch desenvolvesse uma ênfase sobre a consciência e outros fatores ‘subjetivos’ com respeito à luta da classe trabalhadora.⁹

Cabe aqui destacar, igualmente, a importância que o socialismo fabiano exerceu igualmente sobre as posições de Eduard Bernstein. Podemos interrogar se a relativa simpatia de Korsch para com Bernstein, não se justifica -como já foi observado por outros comentadores- por esta experiência fabiana comum a ambos. Korsch em seu escrito de 1937, *O fim da Ortodoxia marxista* afirma:

Eduard Bernstein, que já tinha dado sérias contribuições ao marxismo, exprimiu desde o seu exílio londrino, suas opiniões ‘heréticas’ (inspiradas principalmente no seu estudo do movimento operário inglês) concernentes *a relação entre a teoria e a prática do movimento socialista alemão e europeu da época*, suas concepções e seus pontos de vista foram no momento, como muito tempo depois, unanimemente mal compreendidas, tanto por seus amigos como por seus inimigos.¹⁰

III

Em 1923, é publicado *Marxismo e Filosofia*¹¹, livro que marcou junto com *História e Consciência de Classe* de Lukács, as discussões filosóficas marxistas nos anos 1920. A recepção crítica e negativa da obra de Lukács e Korsch, por parte dos comunistas desempenhou um papel decisivo na trajetória ulterior de Korsch. Ambos os livros foram publicados, em um momento particular, da história do movimento operário e comunista no século XX. Por um lado, o ano de 1923 representou a conclusão do período revolucionário na Alemanha, iniciado em 1918; a derrota de 23, marcou o início de um período de estabilização na Europa Ocidental, concluindo as expectativas revolucionárias no Ocidente, abertas com a revolução russa e o final da guerra. Por outro lado, a morte de Lenin em janeiro de 24, acirrou a luta interna no interior do Partido Comunista Russo. O movimento

comunista internacional passou a partir de então, por uma série de mudanças políticas. Entre junho e julho de 24, realizou-se em Moscou o V Congresso da Internacional Comunista, no qual é lançada a palavra de ordem da bolchevização dos Partidos Comunistas. Neste congresso Zinoviev profere o sua famosa “crítica aos professores”:

Tampouco deixaremos que se desenvolva o revisionismo teórico, que parece converter-se em um fenômeno internacional. Na Itália, Graziadei re-imprime em um volume seus antigos artigos do tempo em que era revisionista social-democrata. Lukács, na Hungria faz outro tanto respeito a filosofia e a sociologia. Uma tendência parecida temos no Partido alemão, com Korsch. (...) Será conveniente, penso, que demos ao camarada Korsch diretor da revista (*Die Internationale* – nota do autor), o conselho amistoso de estudar marxismo e leninismo. (...) Não é pedir demasiado expressar o desejo de que *Die Internationale* se encontre em mãos marxistas e não nas mãos de pessoas que ainda tem que estudar marxismo.¹²

A esta violenta condenação, se somaram ainda numerosos outros escritos críticos, que tinham os livros de Lukács e Korsch como objetivos principais de crítica¹³.

A já acirrada polêmica filosófica aberta a partir de *Marxismo e Filosofia*¹⁴, se agudizará ainda mais a partir das crescentes divergências políticas no interior do KPD, que culminaram com a sua expulsão do Partido Comunista Alemão em 1926, após ter se referido ao tratado de Rapallo como “uma aliança entre o militarismo alemão e o imperialismo russo”, Korsch aliás durante os debates do V Congresso da I.C., já teria feito menção ao “imperialismo soviético”. A sua exclusão do KPD o condenou a um crescente isolamento político.

IV

A opção política de Korsch de não efetuar uma autocrítica, mas de redigir antes mesmo, uma anticrítica, o conduziu –como acabamos de afirmar- a sua exclusão de toda atividade no interior do movimento comunista internacional esta atitude de Korsch se opôs a

opção de Lukács, que optou por uma retratação, que lhe permitiu permanecer no interior do Partido Comunista; aliás o filósofo húngaro sempre teve em mente o destino de Korsch. Mais de uma vez, Lukács em seus escritos tardios se referiu ao exemplo de Korsch. Por exemplo, no Posfácio de 1967 a *História e Consciência de Classe* observou, referindo-se a sua “autocrítica” referente as suas *Teses de Blum*:

É certo que estava então firmemente convencido do meu ponto de vista, mas também sabia (pensando, por exemplo, em Korsch) que a exclusão do partido significava a impossibilidade de tomar parte ativa na luta contra o fascismo ameaçador. Considerei a minha autocrítica o preço dessa participação, uma vez que não queria nem podia militar mais no movimento húngaro.¹⁵

O debate em torno da justeza das duas opções, até hoje dividiu os intérpretes com suas diferentes posições. Entre a citada justificativa de Lukács e a crítica contundente de Adorno,¹⁶ de que Lukács teria renegado suas posições anteriores e posto o seu pensamento “ao nível lamentável do ‘pensamento’ soviético”; existem inúmeras outras.

O filósofo italiano Luciano Amodio, em um artigo fortemente crítico em relação a Korsch observou:

A não consciência do seu próprio peso político e histórico, das suas próprias possibilidades é o principal defeito antidialético de Korsch, o qual poderia ou autocriticar-se ou desinteressar-se dos ataques, ao contrário pretende por-se ao mesmo plano cultural-político, antidialeticamente entendido como unitário, que uma direção mundial, com um poder e um prestígio enorme sobre centena de milhões de homens...¹⁷

Talvez uma das mais curiosas e instigantes posições entorno deste debate, seja a do destacado pensador marxista espanhol Manuel Sacristán, que sublinha os aspectos paradoxais da escolha e do destino de cada um:

É interessante comparar a conduta de Lukács com a do outro principal filósofo condenado, Karl Korsch, que naquele mesmo ano tinha publicado *Marxismo e*

Filosofia. Korsch não se retratou de seu primeiro marxismo, tão hegeliano como o de Lukács, nem tampouco retificou o seu *esquerdismo*. Pelo contrário começou uma larga e deprimente carreira de fundador de grupúsculos comunistas radicais que desembocou no isolamento completo durante seu exílio nos EUA. Porém o notável é que Korsch acabou por abandonar completamente, no curso da sua vida, as posições hegelianas que dividia com Lukács nos anos 20, enquanto que este, que tão prontamente aceitou a política centrista de Lenin e do Governo Soviético, seguiu sendo um marxista hegeliano até na suas grandes obras de velhice (*Estética*, 1963). Só depois de 1968 pareceu disposto a revisar verdadeiramente o seu pensamento.

A comparação entre Lukács e Korsch ilustra a questão de quanto é torpe identificar adesão política com homogeneização intelectual, com *ortodoxia*, como faz freqüentemente a literatura política trivial. Lukács aderiu ao comunismo staliniano, muito anti-hegeliano, porém seguiu cultivando o seu hegelomarxismo.¹⁸

Podemos concluir dizendo que os dois personagens, com suas escolhas opostas são parte constitutiva da trágica história do século XX.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

¹ Esta notícia bibliográfica está baseada nas seguintes referências: Mattick, Paul. Karl Korsch, in: Korsch, Karl, *Que es la Socializacion? Un Programa de Socialismo Practico*, Buenos Aires: Cuadernos de Pasado y Presente nº 45 - Siglo XXI, 1973, pp. 5-25; Korsch, Hedda. Memórias de Karl Korsch, in: Idem. pp. 113-129; Axelos, Kostas. Présentation bio-bibliographique de Karl Korsch, in: Korsch, Karl. *Marxisme et Philosophie*, Paris: Minuit, 1964, pp. 9-15. Para uma bibliografia completa das obras de Korsch, consultar: Korsch, Karl. *Marxismo e Filosofia*, Milano: Sugarco, 4ª ed., 1978, pp.163-177.

² O Partido Social-Democrata Independente (USPD) foi criado em abril de 1917, por um grupo de oposição pacifista, excluído do Partido Social-Democrata Alemão (SPD). A Liga Spartakus representava um dos setores da ala esquerda do USPD, pertenciam igualmente ao mesmo Partido, entre outros: Kautsky e Hilferding. O Partido Comunista Alemão (KPD) foi criado em 1º de janeiro de 1919 com a participação da Liga Spartakus. Em

fins de 1920, a maioria de esquerda do USPD unificou-se com o KPD dando origem ao Partido Comunista Unificado Alemão (VKPD), que a partir de agosto de 1921, passou novamente a se denominar KPD.

³ Stephen Bronner observa que esta coleção era "feita nos moldes dos empreendimentos educacionais dos fabianos". "Bronner, S. E., Karl Korsch: O Marxismo Ocidental e as origens da Teoria Crítica, In: Bronner, S. E., *Da teoria Crítica e seus teóricos*, Campinas. Papyrus, 1997, p. 24. Observa igualmente, que Korsch publicou nesta mesma série, o escrito sobre socialização escrito por Félix Weil.

⁴ Boella, Laura. Reificazione e rivoluzione: la Lukács-Debatte dal 1923 al 1933, In: Bloch, Ernst et al. *Intelletuali e Coscienza di Classe*. Il dibattito sul Lukács 123-24, (Boella, L. org.) Milano: Feltrinelli, 1977, p. 19; a introdução de Boella é particularmente importante para a compreensão do significado da obra de Korsch, no interior do debate aberto em torno do livro de Lukács.

⁵ Sobre a *Korsch-Renaissance*, Cf. Carrino, Agostino. *Stato e Filosofia nel Marxismo Occidentale*. Saggio sul Karl Korsch, Napoli: Casa Editrice Dott. Eugenio Jovene, Pubblicazioni della Facoltà Giuridica dell' Università di Napoli, n° CLXXXVIII, pp. 53ss.

⁶ Para maiores informações sobre o período de formação de Korsch, Cf., Idem. Cap. III: Dal Giusliberalismo alla Critica Materialistica de Diritto, pp. 169-176. Se por um lado o livro de Agostino Carrino nos oferece ricas informações, a sua preocupação excessivamente crítica em relação ao marxismo, torna suas análises na grande maioria das vezes problemáticas.

⁷ Sobre o Círculo de Diederichs e seus rituais, Cf. Korsch, H., *Memorias...*, op.cit., p. 117. É curioso aqui sublinhar que o filósofo da ciência, Rudolf Carnap cuja obra foi objeto de grande interesse por parte de Korsch nos anos 1930, fez parte do mesmo círculo, quando estudou em Jena, na primeira metade da década de 1910.

⁸ Sobre alguns aspectos da formação filosófica de Korsch, em particular da sua relação com Dilthey e de sua leitura tardia de Hegel são particularmente reveladoras as observações de Boella: Cf. Bloch, E., *Intelletuali...*, op. cit., pp. 16-22.

⁹ Bronner, S.E., op. cit., p. 22. Leszek Kolakowski afirma no mesmo sentido: "Korsch apesar de toda crítica fundamental a toda forma de reformismo, afirmava que tanto os revolucionários, como os reformistas britânicos eram movidos por uma verdadeira vontade de socialismo e conheciam o peso das condições subjetivas, no lugar de esperar como os ortodoxos da II Internacional, na boa vontade das causas do determinismo histórico". In: Kolakowski, Leszek. *Glowne Nurty Marksizmu* Volume III: Rozklad, Varsóvia: Wydawnictwo Krag / Pokolenie, 1989, p.1036.

¹⁰ Korsch, Karl. La fin de l' orthodoxie marxiste, In. Korsch, Karl et al. *La contre-révolution bureaucratique*, Paris: 10/18, p. 239.

¹¹ Korsch, Karl. *Marxismo e Filosofia*, Porto: Afrotamento, 1977.

¹² *Congresso de la Internacional Comunista - Primera parte*, Buenos Aires: Cuadernos de Pasado y Presente n° 55 - Siglo XXI, 1975, p. 57.

¹³ Para uma análise do debate aberto pelos dois livros, consultar além do texto já citado de Laura Boella, o livro de Arato, Andrew e Breines Paul, *El Joven Lukács y los orígenes del marxismo occidental*, México: Fondo de Cultura Económica, 2ª ed. 1986, terceira parte: El destino de un libro, 1923-1933.

¹⁴ Em seu Prefácio, a segunda edição da obra *Marxismo e Filosofia* intitulado: A situação atual do problema “Marxismo e Filosofia”, responde de uma maneira igualmente contundente as diferentes críticas, que tinha recebido dos representantes do marxismo da III Internacional e da II Internacional, Cf. Korsch, K. *Marxismo e Filosofia*, op. cit., pp.13-59.

¹⁵ Lukács, Georg, *História e Consciência de Classe*, Lisboa: Escorpião, 1974, p. 370.

¹⁶ Adorno, Theodor W., Une réconciliation extorquée, In. Adorno, T. W., *Notes sur la Littérature*, Paris: Champs-Flammarion, 1999, p. 171s.

¹⁷ Amodio, Luciano. Marxismo e Filosofia em Karl Korsch, In: Amodio, L., *Storia e dissoluzione: L’ eredità di Hegel I Marx nella riflessione contemporanea*, macerata: Quodlibet, 2003, p. 17.

¹⁸ Saristán Luzón, Manuel. *M.A.R.X. máximas, aforismos y reflexiones con algunas variables libres*. Barcelona: El Viejo Topo, (2003), p. 210.